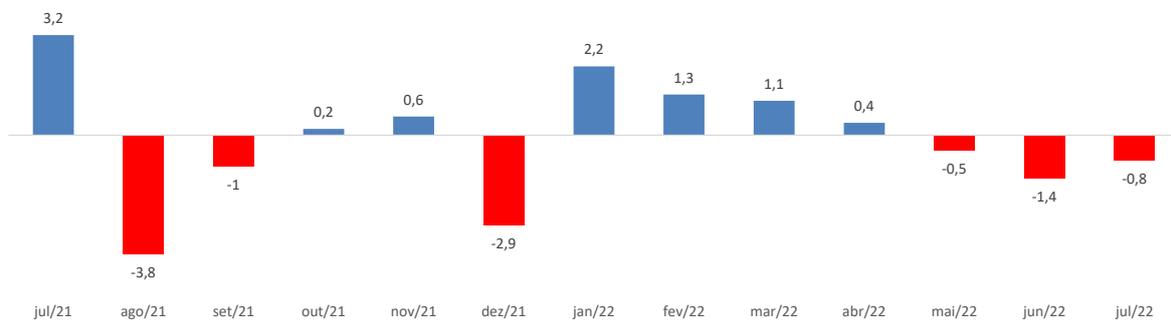


## DEFLAÇÃO NÃO IMPULSIONOU VENDAS NO VAREJO

Queda das vendas em julho surpreendeu setor, que conta com efeitos da PEC para voltar a crescer. CNC reduz de +1,7% para +1,3% a previsão para o crescimento das vendas neste ano.

O volume de vendas do comércio varejista brasileiro recuou 0,8% em julho, segundo a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), divulgada hoje (14/09) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em desaceleração desde o início do ano, o volume de vendas recuou pelo terceiro mês seguido, vindo abaixo da expectativa da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), que projetava alta de 0,3% na passagem mensal.

**QUADRO I**  
VOLUME DE VENDAS DO VAREJO  
(Variações % em relação ao mês anterior com ajuste sazonal)

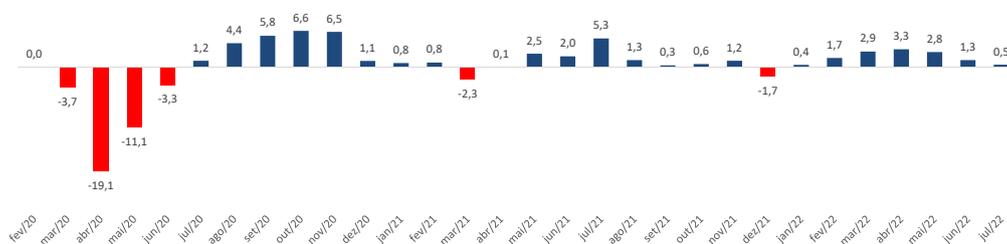


Fonte: IBGE

Mais uma vez, as quedas se deram de forma disseminada, já que nove dos dez segmentos avaliados registraram taxas negativas – apenas o segmento de combustíveis e lubrificantes, cujo volume de vendas cresceu, estimulado pelo corte nas alíquotas do ICMS, avançou no período (+12,2%).

Os destaques negativos foram as retrações no ramo de tecidos, vestuário e calçados (-17,1%) e na venda de móveis e eletrodomésticos (-3,0%). A sequência de resultados negativos voltou a aproximar o nível de atividade do setor ao patamar pré-pandemia (+0,5% acima do de fevereiro de 2020).

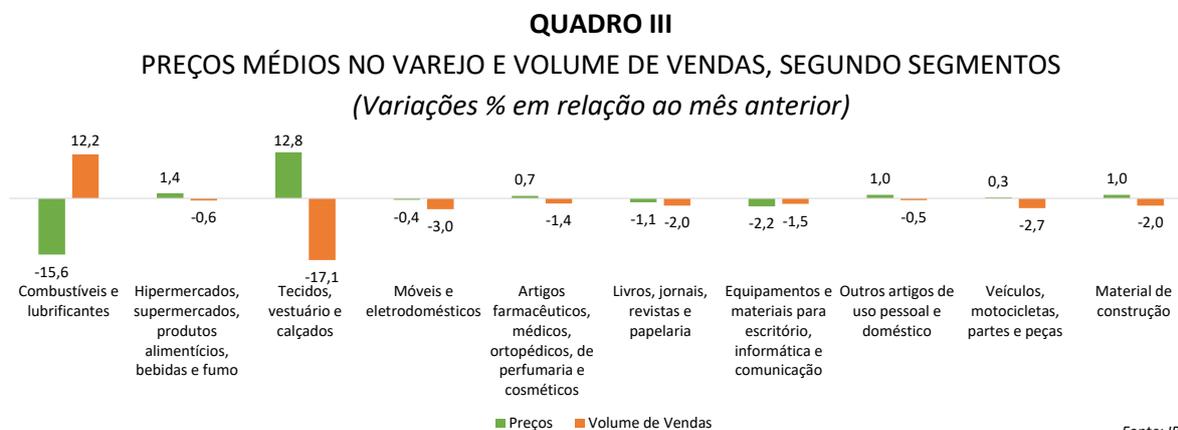
**QUADRO II**  
VOLUME DE VENDAS DO VAREJO  
(Variações % em relação a fevereiro de 2020 com ajuste sazonal)



Fonte: IBGE

Embora, do ponto de vista dos preços, julho tenha se caracterizado pela maior deflação para aquele mês desde o início da série histórica do IPCA, claramente o recuo nos preços não se traduziu em aumento generalizado de vendas.

Ainda impactados pelos reajustes dos preços no atacado, segmentos de peso no varejo registraram altas de preço significativas naquele mês, a saber: hiper e supermercados (+1,4%); materiais de construção (+1,0%); e artigos farmacêuticos (+0,7%). Consequentemente, a contrapartida foram quedas significativas nas vendas. De acordo com o próprio IBGE, os preços no atacado, medidos através do Índice de Preços ao Produtor, avançaram 18% nos últimos 12 meses.

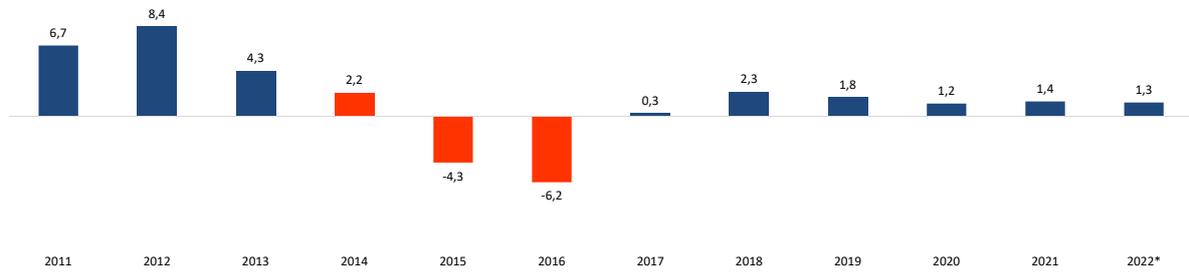


Adicionalmente, setores nos quais a evolução dos preços não foi tão desfavorável amargaram perdas no mês, sugerindo maior peso do encarecimento do crédito na decisão dos consumidores, como na aquisição de móveis e eletrodomésticos, itens de informática e comunicação e no comércio automotivo. De acordo com o Banco Central, a taxa média de juros com recursos livres voltados às pessoas físicas, que havia rompido a barreira dos 50% ao ano em maio, avançou para 51,5% ao ano, no mês seguinte – o maior patamar dos últimos três anos.

De qualquer forma, a entrada em circulação de recursos provenientes das medidas de estímulo ao consumo a partir de agosto deverá, finalmente, trazer as vendas do varejo de volta ao campo positivo no mês de agosto. A CNC estima que os recursos provenientes da PEC 1/2022 têm potencial para impactar as vendas do setor em R\$ 16,3 bilhões até o fim deste ano. Além disso, eventos extraordinários como a chegada do 5G e o Mundial de Futebol tendem a aquecer a demanda em determinados segmentos, no decorrer de 2022.

O cenário de curto prazo, portanto, segue positivo, com a retomada dos níveis de ocupação e desaceleração da inflação. Contudo, no quarto trimestre, as vendas do setor tendem a ser afetadas negativamente pelos efeitos retardados do aperto monetário. Diante desse cenário, a CNC revisou de +1,7% para +1,3% sua previsão para o desempenho das vendas neste ano.

**QUADRO IV**  
**VOLUME DE VENDAS DO VAREJO**  
*(Variações % em relação ao ano anterior)*



\*previsão CNC

Fontes: IBGE e CNC